

Temos de enfrentar a questão nº 1

8 OUT 1991

GAZETA MERCANTIL

Luciano Zajdsznojder*

rio, lobbies educacionais — o que não é a mesma coisa.

Poucos parecem ter a compreensão de que se ter educado é, entre outras coisas, estar de posse de um saber, que permite operar em diversas situações. As tendências de identificar a educação com diplomas — tendência sem dúvida declinante — e de entender a educação de forma mais verbal do que prática — que persiste — refletem uma concepção do que é educação, que absolutamente não se atualizou. Em termos estritos e rigorosos, não serão muitos do total da população brasileira que se mostrarão operacionalmente capazes de ler, escrever e contar. É muito marcante que em outros níveis — técnicos e superiores — fomos capazes de desenvolver competências, mas um olhar atento permitirá verificar logo que a numerosos de nossos técnicos de nível médio e superior faltam algumas bases fundamentais, resultantes de primeiro e segundo graus deficientes e de uma educação universitária em muitos aspectos insuficiente. Desconhecemos qualquer pesquisa que tenha investigado o nível educacional dos profissionais de nível médio e superior.

A análise do funcionamento dos lobbies é uma questão quase sempre moral e estratégica. Para o caso da educação, é interessante um paralelo com a questão ambiental.

Em cerca de dez anos, a questão ecológica passou de um tema praticamente desconhecido a uma questão central e até cansativamen-

te repetitiva. É certo também que é uma questão e uma moda mundiais e que teremos em 1992 no Brasil um importantíssimo encontro internacional. A questão educacional, tão grave e tão urgente, jamais teve o apelo, o interesse e a audiência dos temas ecológicos.

Parece que a questão do meio ambiente obteve mais repercussão, sem considerar questões de pressões internacionais, de mídia e de moda, porque aparece mais concreta. O simbolismo do meio ambiente é mais facilmente captado: o verde, um animal, a floresta, etc. A educação é algo mais abstrato e não se presta a símbolos concretos e simples.

É fácil identificar os dois principais lobbies educacionais. O primeiro, do setor privado de ensino, tem sem dúvida perdido muito de sua força, devido à demanda reduzida decorrente da recessão. O segundo, dos professores das universidades federais, em alguns estados, dos professores do primeiro grau, permanece com muita força. Como sempre se vê, os dois lobbies estão praticamente voltados para questões econômicas — de taxas escolares e de salários — e a questão educacional ocupa sempre uma posição secundária nas pressões ou negociações. A educação torna-se uma questão social, isto é, dos grupos que estão com elas envolvidos empresarial ou profissionalmente. Perde-se de vista a questão de base. Como se perde de vista, hoje, a questão substantiva, quando se discute se o ensino superior deve ou

não ser gratuito. Trata-se de um triste enredamento, de algo que deve ser tratado como foi o mitológico nó górdio.

É interessante que com muita frequência — se comparado com anos ou décadas anteriores — pessoas consultadas em praticamente qualquer grupo dirão que o nosso problema central é a educação. Todavia, nenhuma pressão de maior monta é feita no sentido de enfrentá-lo. Os CIEP e os futuros CIAC, por mais bem intencionados que sejam, parecem situar-se mais no plano da assistência social do que no da educação.

O novo ocupante do Ministério da Educação deveria ir além de tratar de resolver as questões do dia-a-dia, que terão somente soluções paliativas. Deveria empenhar-se em formar um movimento autêntico em prol da educação brasileira. Deveria conquistar as elites para a importância da educação e de mostrar ao povo não somente que a educação é necessária como também o que é educação. Que não pense que isso já se encontra feito. Se conseguirmos que a educação autêntica obtenha o apelo, o debate e a paixão que as questões ecológicas conquistaram, estaremos no caminho certo. Caso contrário, continuaremos a viver a situação do discurso vazio: todos falam que a educação é fundamental, mas nada é feito e de fato não se sabe do que efetivamente se está falando.

* Coordenador do Fórum de Estratégia Nacional da Fundação Getúlio Vargas.

Agora que

o Ministério da Educação é assumido por alguém do ramo, devemos tentar outra vez tocar nas questões de base. Conseguimos atingir no Brasil um importante grau de vida democrática, enquanto vivemos uma profunda crise e os níveis de renda, de saúde e de educação da população são tristemente baixos. Problemas de corrupção generalizada, de qualidade industrial e de saúde acham-se direta ou indiretamente ligados ao baixo nível educacional. Devemo-nos indagar qual a solidez das instituições democráticas, quando o nível educacional é tão baixo.

A educação aparece com frequência como a questão número um de uma agenda de estratégia nacional. Mas as possibilidades de que seja feito o necessário sempre parecem reduzidas.

Em relação à educação, já se tentou fazer muito, embora nunca os resultados tenham sido de fato significativos, em termos de transformar as condições fundamentais. Parece-nos que isso se deveu às duas causas principais. Uma: um conhecimento sempre insuficiente por parte de elites e do povo do que é educação. A outra causa, ligada à primeira: a não existência do que poderíamos chamar um verdadeiro movimento em prol da educação. Possuímos, ao contrá-

